



GT 019. Antropologia dos estudos de folclore e cultura popular: imagem, corpo, ritual e performance.

Oswaldo Giovannini Junior (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a, Daniel Bitter (UFF) - Coordenador/a, Nilton Silva dos Santos (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a, Lea Freitas Perez (Ufmg) - Debatedor/a

Na história da antropologia brasileira, os estudos em torno das culturas populares ou folclore tiveram destaque, desenvolvendo um campo de pesquisa com especificidade epistemológica e metodológica. Este GT propõe retomar esta temática, valorizando trabalhos etnográficos com especial atenção aos processos de construção do corpo, das imagens e do espaço em diálogo com a antropologia simbólica e dos rituais. Corpos e paisagens constituem o locus de realização concreta das festas, das sociedades e das culturas, assim como também as condicionam. Seu registro imagético está presente nos estudos e expressões da cultura brasileira e é usado como recurso metodológico para a elaboração do conhecimento etnográfico. A proposta destaca 3 eixos de investigação etnográfica e teórica: 1- na direção de uma antropologia dos estudos de folclore, focalizando as categorias, valores e práticas dos principais atores que constituíram o campo; 2- no sentido do estudo de festividades, ritos e celebrações sob novos enquadramentos teórico-metodológicos de uma antropologia simbólica e/ou de rituais, da performance, da perspectiva da corporeidade e da antropologia da paisagem; 3- referente às relações metodológicas e epistemológicas nas fronteiras da antropologia e das artes visuais, sonoras, imagéticas, cênicas. O GT pretende reunir pesquisas que valorizem as especificidades do campo de estudos da cultura popular em suas diversas dimensões e conexões com fenômenos contemporâneos da vida social.

A guerra é um festa. Notas acerca do processo de criminalização de um evento festivo no sertão baiano.

Autoria: Rodrigo Gomes Wanderrley

A Guerra de Espadas é uma manifestação cultural que acontece anualmente na cidade de Senhor do Bonfim, sertão da Bahia. Consiste, a grosso modo, na circulação de pessoas e grupos denominados espadeiros por ruas e avenidas da cidade, no dia de São João, soltando e "devolvendo" um artefato pirotécnico denominado Espada. Eles percorrem as ruas entrando em casa de Festeiros, realizando o dom e o contra dom, comendo e bebendo nas casas e em contrapartida soltando espadas nas portas das casas em homenagem ao Festeiro que abriu a porta para que entrasse. A espada atua sobre o corpo do Espadeiro que enfrenta seus medos adentrando ao fogo para participar da festa. A queimadura é algo comum, e muitas vezes é sinônimo de coragem. A cicatriz muitas vezes torna-se um "estigma positivo". Nesse sentido, pretendo discorrer sobre o que pensa o espadeiro sobre seus corpos e as "brincadeiras" com as espadas de fogo. Quais as táticas que utilizam para se proteger das queimaduras e como compreendem o local do ritual em suas vidas. Em tempo, buscarei entender a posição dos espadeiros que passaram a ser tratados como criminosos por polícias militares, polícia civil e ministério público locais, a partir de uma sentença proferida por juiz de direito da cidade e de que modo os espadeiros estão atuando para a manutenção da manifestação cultural que apreenderam com seus antepassados. Busco apresentar a imagética da manifestação, com imagens que ressaltam o contexto de emoção, fogo e fumaça.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

